

Fernanda Ravena Moraca Costa

**AS IMAGENS DA POPULAÇÃO NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE GEOGRAFIA**

Florianópolis

2018

Fernanda Ravena Moraca Costa

**AS IMAGENS DA POPULAÇÃO NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharela em Geografia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Kalina Salaib Springer

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

MORACA COSTA, FERNANDA RAVENA
AS IMAGENS DA POPULAÇÃO NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
GEOGRAFIA / FERNANDA RAVENA MORACA COSTA ; orientador,
KALINA SALAIB SPRINGER, 2018.
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

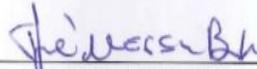
1. Geografia. 2. IMAGENS, POPULAÇÃO NEGRA, LIVRO
DIDÁTICO DE GEOGRAFIA . I. SALAIB SPRINGER, KALINA . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Geografia. III. Título.

Fernanda Ravena Moraca Costa

As imagens da População Negra nos Livros Didáticos de Geografia

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do Título de “Bacharela em Geografia”, pela Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada em sua forma final pelo Programa de Graduação em Geografia.

Florianópolis, 07 de Dezembro de 2018.

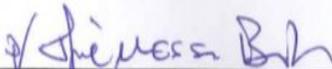


Prof. Dr.º José Messias Bastos
Coordenador do Curso

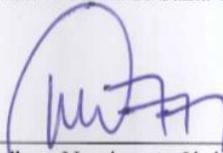
Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Kalina Salaib Springer (orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dr.ª Rosemy da Silva Nascimento (membro)
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.º Dr.º Lindberg Nascimento Júnior (membro)
Universidade Federal de Santa Catarina

**Este trabalho é dedicado às minhas filhas Sarah e Sophia, à minha mãe Rosemeire,
uma mulher batalhadora e guerreira.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à toda forma de Energia que nos move neste planeta, aos Orixás, aos ensinamentos de Cristo, todas as formas de espiritualidade que faz dos seres humanos mais humanos.

Em segundo lugar agradeço a minha mãe Rosemeire, que não tem medido esforços em me ajudar a concretizar esta etapa da vida acadêmica, cuidando inclusive de minhas filhas.

Às minhas amadas filhas Sarah e Sophia, que foram motivo de transformação na minha vida, me trazendo os melhores momentos que uma mãe pode vivenciar.

À minha professora Rosemy Nascimento, que tem sido pilar e suporte nestes últimos anos de universidade, junto ao LABTATE - lugar de pesquisa, aprendizado e acolhimento, todos e todas envolvidos formamos uma grande família.

À minha orientadora Kalina Springer, que tem me ensinado muito o sentido da dedicação e amizade.

Às minhas amigas queridas Naiá, Yanna, Silvana, Malu, Cristiane Ker, Claudenice, Clara, Raquel entre outras que guardo no meu coração com ternura e gratidão por me acompanhar durante alguns anos nos meus processos de amadurecimento pessoal e profissional.

Agradeço também à todos e todas pessoas que de certa maneira colaboraram para o resultado deste trabalho, principalmente Mestre Jimmy, Marcelo 7 Cordas, Lindberg Junior.

E por fim, agradeço à UFSC, por todos os anos em que neste espaço de conhecimento, pude iniciar a compreensão do que é uma sociedade de classes, gênero e raça. Motivo pelo qual é imprescindível a Luta neste cenário caótico após o Golpe que culminou o Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff.

“ Enquanto as histórias de caça forem contadas pelos caçadores, os Leões jamais serão glorificados.”

Provérbio Africano

RESUMO

A sociedade brasileira é composta por diferentes grupos étnicos, repleta de uma diversidade no que tange a cultura destes povos, no entanto a população negra tem sido excluída dos espaços institucionais, por questões históricas e políticas. No campo educacional são muitos os fatores que reforçam esta exclusão, a desigualdade social e racial, a manutenção de um currículo pautado em valores eurocêntricos, o racismo institucional e a falsa ideia de uma democracia racial. O racismo fortalece estereótipos apresentados nos materiais didáticos. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar as imagens da população negra nos livros didáticos de geografia, de modo que foram selecionadas duas coleções de livros didáticos (Expedições Geográficas e Território e Sociedade no Mundo Globalizado). Após esta escolha foram criadas quatro categorias: Vulnerabilidade socioeconômica, Neutralidade, Valorização e Outros. Na sequência as imagens da população negra presentes nas coleções foram selecionadas, categorizadas e analisadas à luz da Lei 10.639/03, do Plano Nacional do Livro Didático e dos autores Douglas Kellner e Ivaine Tonini. Em um total de 57 figuras analisadas, identificou-se 33 na categoria Vulnerabilidade socioeconômica, 5 na categoria Neutralidade, 12 na categoria Outros e 7 na categoria Valorização. Diante dos resultados obtidos, verificou-se que as imagens da população negra estão inseridas majoritariamente na categoria Vulnerabilidade socioeconômica, de forma a perpetuar estereótipos negativos sobre esta parcela da população.

Palavras chave: Imagens, População negra, Livro Didático de Geografia.

ABSTRACT

Brazilian society is composed of different ethnic groups, replete with a diversity in the culture of these peoples, however the black population has been excluded from the institutional spaces, for historical and political reasons. In the educational field many factors reinforce this exclusion, social and racial inequality, the maintenance of a curriculum based on Eurocentric values, institutional racism and the false idea of racial democracy. Racism reinforces stereotypes presented in didactic materials. Therefore, the objective of this work is to analyze the images of the black population in geography textbooks. To achieve this goal, two collections of textbooks, Geographic Expeditions and Territory and Society in the Globalized World were chosen. After this, images were selected and analyzed in light of Law 10.639 / 03, the National Book of Textbooks and the authors Douglas Kellner and Ivaine Tonini.

Keywords: Law 10.639 / 03, Didactic Book, Geography, Afrodescendant, Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A Beleza dos corpos negros	25
Figura 2- Representações Culturais - o Candomblé	26
Figura 3- Resistência do povo negro	27
Figura 4 - Empoderamento da mulher negra	28
Figura 5- Permeado o Deserto	29
Figura 6- A diversidade	30
Figura 7 - Cotidiano familiar	30
Figura 8 - O Ingresso	31
Figura 9 - O Peso da Desigualdade	32
Figura 10 - Os Órfãos da ONU	33
Figura 11 - O olhar da imigração	34
Imagem 12 - Je suis Haiti	35
Figura 13 - Racista eu ?	37
Figura 14 : Olhos da injustiça	38
Figura 15: A luta	38
Figura 16: O desempregado	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As imagens da população negra nos livros didáticos de geografia. Expedições Geográficas - Ensino fundamental.	40
Quadro 2 – As imagens da população negra nos livros didáticos de geografia. Território e Sociedade no Mundo Globalizado. Ensino Médio.	42
Quadro 3: Síntese: as categorias representativas	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Representação da população negra nos livros de geografia por categorias	44
Gráfico 2. As imagens da população negra nos livros de geografia por ano escolar	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Justificativa	09
Objetivos	11
Objetivos Geral	11
Objetivos Específicos	11
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
Conceito de Raça	12
Racismo ao modo brasileiro: uma questão histórica	13
Escolarização do negro entre violência e exclusão	15
A Lei 10639/03	17
As imagens e a questão étnico racial nos livros didáticos de Geografia	19
METODOLOGIA	24
RESULTADOS	24
Categoria Valorização	25
Categoria Neutralidade	28
Categoria Vulnerabilidade socioeconômica	32
Categoria Outros	36
Análise das Imagens	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

Entendemos que a sociedade brasileira é composta por diferentes grupos étnicos, repleta de uma diversidade no que tange a cultura destes povos. No entanto por questões históricas e políticas têm-se excluído a população afrodescendente dos espaços institucionais, incluindo-se nestes o espaço escolar.

No campo educacional muitos são os fatores que efetivam a exclusão e a evasão escolar da população negra brasileira: a desigualdade social, o racismo institucional¹, a manutenção de um currículo baseado em valores eurocêntricos² e o mito da democracia racial³ são alguns exemplos. Sendo este último, o fator mais perigoso para a luta anti-racista no Brasil, uma vez que a ideia de miscigenação concebida pela sociedade brasileira nos remete a um povo diverso, belo e harmonioso.

Desta forma, o racismo não é negado, mas invisibilizado, porque geralmente as pessoas não se veem como racistas. O racismo é sempre responsabilidade do outro. E, refletir sobre esta problemática é dever de todo cidadão que almeja uma sociedade mais justa, igualitária e realmente inclusiva. Inserido neste contexto, a escola reflete em seu currículo, esta cultura racista e de ideologização de valores eurocêntricos. Nesta perspectiva é importante debater-se no campo da Geografia, como o conteúdo dos materiais didáticos tem representado uma parcela da população brasileira que hoje é constituída por 54%, entre pretos e pardos segundo IBGE (2017)⁴.

¹ Conceito definido pelos ativistas do grupo Panteras Negras em 1967, para especificar como o racismo se manifesta nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições. No Brasil, o Programa de Combate ao Racismo Institucional definiu o racismo institucional como “o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica”.

² Pensar um currículo multicultural, que abrange não apenas os valores eurocêntricos, ou seja; valores que se pautem no conhecimento difundido pelos colonizadores é fundamental para uma educação anti-racista. Trazer elementos que contemplem a diversidade, pode contribuir para uma educação mais plural e mais democrática.

³ O conceito da democracia racial foi inicialmente apresentado nos estudos de Gilberto Freyre, na obra Casa-Grande e Senzala, publicado em 1933. Embora ele não tenha utilizado o termo nesta obra, vários autores passaram a adotá-lo em publicações posteriores. Freyre defendia a ideia de que a sociedade brasileira era constituída pelas três raças, indígenas, negros e brancos, o que levaria a uma “meta-raça”. A forte miscigenação do povo brasileiro contrastava com outros países que enfrentava a divisão racial. Os críticos afirmam que a democracia racial seja um mito, pois apoiado nesta ideia de miscigenação, o povo brasileiro costuma invisibilizar o racismo já que somos uma mistura de raças.

⁴ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgados hoje pelo IBGE. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>>

Ao abriremos os livros de geografia, é comum que imagens de vários grupos étnicos sejam representadas para exemplificar alguns conteúdos e contextos no material didático. Diante de tal fato, é relevante perceber e discutir como a população negra é representada nas imagens dos livros didáticos de geografia, pois estes, são geralmente os primeiros recursos didáticos utilizados para lecionar e alcançam uma parcela significativa da população brasileira.

É sabido, que a partir do marco legal da Lei nº 10. 639/03 que altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nos possibilitou um rico arsenal de materiais para trabalho.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é analisar as imagens da população negra presentes nos livros didáticos de geografia. Para alcançar tal objetivo, escolhi duas coleções de livros didáticos, uma coleção que utilizei no meu estágio supervisionado da licenciatura em 2016 no Instituto Estadual de Educação: Territórios e Sociedades no Mundo Globalizado, direcionada para o ensino médio. E uma coleção que utilizo para lecionar no ensino fundamental dos anos finais, na Escola Estadual Básica Hilda Theodoro Vieira, Expedições Geográficas.

Em ambas as coleções, analiso todas as imagens que a população negra se encontra. E, a partir destas imagens algumas categorias foram criadas para a possibilidade de uma análise crítica por meio do método qualitativo.

1.1 JUSTIFICATIVA

[...] saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões da desigualdade, da pobreza, do racismo, e do sexismo.

Rosane Borges

O lugar de fala de quem escreve este texto, é de uma mulher branca, licenciada em geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), feminista e mãe de duas meninas negras. Ambas, com oito anos de idades. A minha relação com a temática deste trabalho, começa não apenas com a chegada destas crianças ao mundo, mas em 2007 quando adentrei ao curso de Letras-francês também pela Universidade Federal de Santa Catarina, e naquele momento precisava me estabelecer na cidade de Florianópolis.

Um amigo de São Paulo me apresentou uma colega em comum e fui dividir um quarto com ela em uma república, ali moravam cinco africanos, quatro santomenses e uma guineense, que futuramente seria a tia de minhas filhas.

A minha relação com todos foi muito boa, e a partir daí comecei a fazer parte de um mundo no qual pude vivenciar outras culturas. Ao som de uma diversidade rítmica, na qual sem dúvida a nossa música herdou, e ao prazer de uma culinária sem igual.

Naquele momento pude entender como o mundo estigmatiza os africanos, os limitam por seus olhares preconceituosos, generalizam suas nações como se fossem um único e homogêneo continente.

Isso passou a fazer parte do meu dia a dia, e assim como qualquer pessoa mergulhada numa cultura alheia confesso que por um olhar limitado, estabeleci com eles alguns debates e discussões por conta do choque cultural, principalmente por um sexismo que me incomoda muito.

No entanto, não estava iniciando apenas uma afinidade em relação às Áfricas das quais eles me contavam, começava ali uma percepção sobre o outro, uma admiração sobre estes corpos negros que remetia aos negros tão hostilizados pela diáspora africana⁵ durante o período colonial e com isso um senso de justiça.

⁵ Segundo o Portal Geledés a diáspora africana é o nome dado ao fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras partes do mundo, esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e trocas de diversas sociedades

Surgia ali um enorme interesse pelas suas culturas, por suas músicas, por suas danças, pelas geografias de seus países, estabeleci amores e amizades que levarei por toda uma vida. Este amor, me proporcionou vivenciar a maternidade de duas meninas gêmeas que tem sido o sentido da minha vida e da minha luta anti-racista.

Porém um pouco antes da minha gestação, resolvi mudar de curso e prestei novamente outro vestibular, ingressei no curso de geografia. A partir daí, temas como Educação das Relações Étnico-Raciais, gênero, religião passaram a fazer parte do meu interesse pessoal, paralelamente ao meu curso de graduação cursei disciplinas e frequentei palestras e debates que contemplavam essas temáticas.

Os meus amigos africanos estavam de passagem, muitos oriundos de países lusófonos em África, neste sentido a questão das relações raciais e a demanda contra o racismo nem sempre se fazia presente em suas falas, pois muitos deles só começaram a vivenciar o racismo aqui no Brasil.

Fui aos poucos conhecendo pessoas influentes no movimento negro, fiz parte do Grupo de Estudos de Religiões de Matriz Africana denominado GERMA durante um ano no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade de Santa Catarina-NEAB/UDESC, coordenado pela Professora Jeruse Romão consultora da Prefeitura Municipal de Florianópolis na área da Educação das Relações Étnico-Raciais e militante do movimento negro.

Comecei de fato a compreender a injustiça que acometia a população negra, particularmente no Sul do país, região na qual o branqueamento⁶ foi mais incisivo. E finalmente relacionado ao presente trabalho, como professora e acadêmica da área de geografia.

De modo simultâneo ao meu contexto pessoal, a nível institucional, aumentaram significativamente os trabalhos acadêmicos relacionados a Lei 10.639/03, e à inclusão social e racial nas universidades públicas no país.

e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que sujeitos escravizados encontravam fora de África. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>>

⁶ Também conhecida como branqueamento racial, ideologia amplamente aceita no Brasil do século XIX aos meados do século XX, na qual se acreditava que a população negra avançaria geneticamente, sendo necessário clarear a população, uma vez que a “raça” branca era superior a “raça” negra. Importante citar que este pensamento se apoiou no racismo científico, baseado no Darwinismo social.

À vista disso, hoje temos acesso à trabalhos, debates, palestras, minicursos, ações de vários tipos dentro das universidades que contemplam a temática afro-brasileira e com isso surgem de forma agressiva a intolerância por parte dos alunos que sempre possuíram privilégios na sociedade.

A lei possui uma importância fidedigna, pois a partir dela nós professores e professoras devemos dar visibilidade à temática afro-brasileira e africana, mas não apenas trazer os debates à luz de sua obrigatoriedade, mas fazê-los para que as próprias dinâmicas deste processo de implementar a temática nos ensine a identificar nosso racismo e nos livrar dele.

Porém, ao meu olhar o que é mais considerável é a presença de sujeitos negros protagonizando este conhecimento. É fundamental que o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira tenha como centro a produção de pessoas negras, pois elas ainda são minoria dentro das escolas e universidades.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é analisar as imagens da população negra presente nos livros didáticos de geografia.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar a trajetória histórica da população negra no Brasil
- Entender a importância da Lei 10.639 no contexto educacional brasileiro e no combate à discriminação e valorização da população negra;
- Compreender as imagens como importante ferramenta para validação ou não de estereótipos
- Criar uma metodologia de análise das imagens da população negra presente nos livros didáticos

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conceito de Raça

O conceito de raça como podemos perceber surge na Modernidade Europeia, entre os anos de 1500 a 1900 com a finalidade de solucionar o problema da diversidade humana, tal qual seres humanos passaram a ser classificados em pequenos grupos passíveis de serem compreendidos por meios de atributos físicos. Desta forma podemos compreender que a raça tem sido um instrumento de dominação social.

Por meio de qualidades fenotípicas⁷ como cor da pele, textura dos fios de cabelo, formato do crânio, da boca, do nariz seria possível determinar a raça a qual a pessoa pertencia. Segundo Quijano

imposta como critério básico de classificação social universal da população mundial, de acordo com a ideia de raça foram impostas as principais novas identidades sociais e geoculturais do mundo. Por um lado, “Índio”, “Negro”, “Asiático” (antes, “Amarelos”), “Branco” e “Mestiço”; por outro, “América”, “Europa”, “Ásia”, “África” e “Oceania”. Sobre ela se fundou o eurocentramento do poder mundial capitalista e a conseguinte distribuição mundial do trabalho e do intercâmbio. E também sobre ela, se traçaram as diferenças e distâncias específicas nas respectivas configurações específicas de poder, com as suas cruciais implicações no processo de democratização de sociedades e Estados, e da própria formação de Estados-nação modernos. (QUIJANO, 2007, p. 43)

Porém, para Munanga (2010 apud CARDOSO; RASCHE, 2014, p.13) compreendê-la enquanto “uma construção sociológica e político-ideológica, pois embora não exista cientificamente, a raça persiste no imaginário coletivo e na cabeça dos racistas e, conseqüentemente, continua a fazer vítimas em nossas sociedades” .

Segundo o autor supracitado, qualquer tentativa de explicar o racismo implica no uso e no entendimento do significado de raça. No entanto, a utilização do termo com conotação biológica tem sido há tempos motivo de debate no campo das humanidades, sendo comprovado a sua inexistência por sermos todos da raça humana.

Neste sentido, o racismo pode ser considerado uma ideologia cujos os pressupostos estão pautados numa ideia de superioridade da raça branca sobre outras raças, usando de formas discriminatórias para excluir os grupos considerados ‘outros’.

⁷ O fenótipo é um termo utilizado no campo da Biologia para designar as características apresentadas por um indivíduo, sejam elas morfológicas, fisiológicas e comportamentais. Também fazem parte do fenótipo características microscópicas e de natureza bioquímica, que necessitam de testes especiais para a sua identificação. Disponível em: <<https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Genetica/leismendel4.php>>

Para Quijano (2007) o racismo não é a única manifestação da colonialidade do poder, mas sem dúvida é a mais perceptível e onipresente.

Racismo ao modo brasileiro: uma questão histórica

Para que possamos compreender as trajetórias da população negra acerca da resistência e das lutas sociais que culminaram na Lei 10.639/03, é relevante não deixarmos a memória da escravidão e do período colonial morrer. Assim, para contextualizar a questão do racismo no Brasil é conveniente retomar o papel das expansões e conquistas territoriais protagonizado pelos países europeus que deu início no século XV e perdurou até meados do século XIX com a conquista de territórios africanos, americanos e asiáticos.

Tendo como ápice a Conferência de Berlim, na qual líderes de diversas potências europeias convocados pelo chanceler Otto Von Bismarck, se reúnem para discutirem os diversos projetos de exploração e ocupação do continente africano, evitando futuros conflitos entre as potências europeias.

Podemos citar entre os objetivos dessas conquistas, interesses geopolíticos e econômicos, exploração de recursos naturais para a criação de novos mercados e a expansão colonial de várias potências.

No entanto, neste trabalho o que mais nos interessa ressaltar é a expansão e colonização portuguesa, visto que Portugal foi o país que colonizou várias nações em África culminando nas diásporas africanas.

Segundo Azevedo e Lucindo (2014), historicamente, pioneiro das expansões marítimas, Portugal era munido de um conhecimento cartográfico, herdado dos italianos o que possibilitou a elaboração de seus primeiros atlas de oito mapas, desde o século XVI.

Este conhecimento possibilitou a conquista do litoral da América do Sul, e posteriormente a invenção do Brasil. Neste sentido o Brasil passa a ser uma extensão para os lusitanos, tal qual :

[...] a colonização portuguesa, fundada no escravismo, deu lugar a um espaço econômico e social bipolar, englobando uma zona de produção escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrada em Angola. Desde o final do século

XVI, surge um espaço aterritorial, um arquipélago lusófono composto dos enclaves da América portuguesa e das feitorias em Angola. É daí que emerge o Brasil no século XVIII (ALENCASTRO, 2000, p.90.)

Segundo Lucindo e Azevedo (2014), chegaram ao Brasil até o ano de 1850 oito vezes mais africanos que portugueses, o que tornou o Brasil um país de valores e culturas não apenas europeia e indígena, mas também uma nação com costumes e memórias africanas.

O que não deixa de ser uma ironia nos dias atuais, pois uma nação miscigenada e com características tão enraizadas na colonização, continua negando seu povo e invisibilizando a presença negra desde o período colonial.

O tráfico estimado em torno de 15 milhões de africanos, não apenas causa uma explosão demográfica no Brasil, como também corrobora para um imaginário coletivo sobre esses grupos étnicos.

Em relação ao tráfico de escravos ainda é comum ouvirmos que os próprios africanos traficavam e escravizavam seu povo, porém assim como nos aponta Mortari e Pires (2013)

[...]quando os europeus perceberam que com suas caravelas, eram mais rápidas do que os barcos utilizados pelos comerciantes africanos, começaram a participar do comércio de cabotagem, que era famoso e intenso na costa e que consistia na compra e revenda de produtos em diferentes regiões. Dessa forma, os europeus compravam cativos em Mina, que eram revendidos aos acãs da floresta, comércio feito por intermédio dos diulas (comerciantes africanos); com o ouro que era pago pelos acãs, os europeus compravam pimenta malagueta em Gâmbia e no leste da atual Nigéria, voltavam a Mina para adquirir novos cativos e revendiam estes na Europa (MORTARI; PIRES, 2013,p.8).

Isto posto, fica evidente o lucro dos portugueses sobre o trabalho compulsório dos negros escravizados.

Em 1555 Villegaignon, um cavaleiro que prestava serviços ao Rei da França funda uma cidadela na Baía de Guanabara, embora a Coroa portuguesa tivesse seus olhos voltados para o comércio em África, se sentiu ameaçada pela ocupação francesa elaborando uma política de ocupação e colonização no Brasil, cedendo terras para os colonos, segundo Souza (2010).

Assim, a partir de 1530 inicia de fato a colonização do Brasil por Portugal. Tendo como “motor econômico” o trabalho escravo. A partir de 1580 começam a chegar pelo Rio da Prata os primeiros africanos, sendo a maioria trazidos de Angola.

Embora o trabalho escravo fosse fiscalizado por meio de punições e chibatadas, muitos africanos tentaram se adequar à sociedade escravista, seja negando-a totalmente pela fuga, seja negociando melhores condições de vida e trabalho, como nos aponta Souza (2010).

Desta forma, podemos perceber que o período escravista embora violento, foi marcado também por resistência, tomemos como exemplo a Revolta do Malês⁸ e os Territórios fundados por negros fugidos, entre eles o mais conhecido o Quilombo dos Palmares⁹, que se encontra na Serra da Barriga, no Estado de Alagoas, na região do Nordeste brasileiro.

Escolarização do negro: entre violência e exclusão

⁸ Em 1835, Salvador tinha em torno de 65 mil habitantes, dos quais 22 mil eram africanos oriundos de Cabinda, Benguela e Luanda. Malê em iorubá significa muçulmano e os escravos muçulmanos eram vistos como uma elite entre os outros, por serem alfabetizados em língua árabe e saber ler e escrever. Não trabalhavam nas sextas-feiras, dia sagrado para a religião, para tanto, recolhiam dinheiro entre a comunidade dos libertos para dar aos seus senhores em troca de dia de folga. Os líderes foram Licutã, Ahuna, Manoel Calafante, Elesbão Dandarã e Luis Sanin, sendo uma mulher a heroína Luiza Mahin, mãe de Luiz Gama. Como em toda Jihad (Guerra Santa Muçulmana), era necessária a atuação religiosa de um maulana, líder religioso. Quem cumpriu a missão foi Ahuana, de origem nagô com cerca de 40 anos e quatro marcas étnicas no rosto. No entanto, dia 21 de janeiro de 1835, Guilhermina, uma negra liberta traiu a revolta, denunciando seus líderes e depois disso muitos se viram obrigados a professar a fé na clandestinidade. A revolta dos Malês envolveu cerca de 1,5 mil participantes e tinha como objetivo lutar contra a escravidão e a intolerância religiosa. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/para-relembrar-a-revolta-dos-males>>

⁹ Quilombo na língua banto significa “povoação”, era o espaço físico de resistência de negros fugidos dos cafezais e das plantações de cana-de-açúcar. O quilombo dos Palmares criado em 1590 pela princesa congoleza Aqualtune, mãe do lendário Ganga Zumba, se tornou um dos maiores núcleos de resistência negra no país. Localizado na então capitania de Pernambuco, hoje Estado de Alagoas, na Serra da Barriga. Disponível em: <http://serradabarriga.palmares.gov.br/?page_id=619>

Para compreender como construiu-se e perpetuou-se o racismo e os processos de exclusão e violência dele recorrente é fundamental compreendermos o processo histórico referente à escolarização do negro no Brasil.

Como nos aponta Passos (2012) a escolarização no Brasil Império, a partir da Constituição de 1824, declarou-se a todos os cidadãos o direito à instrução primária e gratuita. Esta instrução, Para Passos (2012) foi influenciada por três fatores: “o discurso da missão civilizadora da escola pelas elites que governavam o Brasil; as precárias condições das escolas públicas; e o alto nível de analfabetismo.” (PASSOS, 2012, p.139). Havia neste momento da história por parte das elites, um interesse em uma nova “roupagem” da população brasileira. O índice de analfabetismo chegava em torno de 84% em 1872 (PASSOS apud SCHWARCZ, 2000 p.139).

O Brasil recém independente de Portugal com uma conjuntura política e econômica um tanto frágil, rebeliões e revoltas eram fatores sempre preocupantes para a elite em uma sociedade desigual, principalmente construída sobre pilares escravagistas.

Neste sentido é importante pensarmos que o racismo não se apresenta de forma isolada, mas sim estrutural: mantendo valores coloniais, impossibilitando a maioria da população negra de usufruir dos bens e serviços de forma coletiva, incentivando a exclusão dessa considerável parcela da população ao espaço social formal. Segundo Passos (2012) se a Constituição assegura aos brasileiros o direito à educação, a quem se destinava então a cidadania brasileira? Visto que mesmo os negros alforriados e libertos não tiveram o direito de frequentar a escola. Ao ser aprovada a Lei do Ventre Livre em 1871, as crianças nascidas a partir desta data não seriam “propriedades” de ninguém, no entanto era ordenado que estas crianças fossem entregues ao Estado, para serem educadas. As que não fossem, o proprietário deveria pagar uma indenização ao Estado, e elas se mantinham como escravas até os 21 anos, pois embora a Lei passasse a vigorar muitas dessas mães ainda eram propriedades de seus senhores.

Para Passos (2012), os registros da época apontam um número muito baixo de crianças matriculadas, de 403.827 crianças, apenas 113 foram entregues ao Estado. Parafraseando a autora, falar da educação dos negros, é necessariamente falar sobre a Lei do Ventre Livre (1871), pois este foi o primeiro documento oficial a discutir a educação da população negra.

Desta forma é possível chamar a atenção para a trajetória escolar da população negra no país, ressaltando que esta história além de ser invisibilizada, materializará um abismo entre negros e brancos no processo de escolarização destes grupos étnicos.

Esta desigualdade não se dá apenas no déficit escolar, mas sua reprodução está presente nos livros didáticos, reforçando um estereótipo negativo quando a imagem de África, dos africanos ou dos afro-brasileiros se faz necessária.

A Lei 10.639/03- Movimento e Lutas

As feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade do país **Abdias Nascimento**

Resultado das lutas sociais dos atores e sujeitos negros e brancos, particularmente do movimento negro, surge em 2003 a Lei 10.639/03 que altera a Lei 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), instituindo a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de matriz africana e afro-brasileira nas escolas do Brasil, sejam elas públicas ou privadas. Assim, em 2004 foram publicadas as primeiras diretrizes que orientam os diferentes atores sociais do processo educacional, procurando contemplar a educação das relações étnico-raciais, o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. A Lei neste sentido, proporcionará discussões e debates, que durante séculos foram silenciadas no âmbito escolar. Por muito tempo, o racismo nos foi apresentado como algo que ficou no passado junto à escravidão.

Trazer à tona discussões que nos façam repensar a questão do racismo e concebê-lo estruturante das relações sociais e institucionais, é fundamental para pensarmos uma educação pautada na diversidade e na igualdade racial.

A importância da Lei neste sentido se dá primordialmente para construirmos novos valores na sociedade brasileira, por meio de uma educação plural e anti-racista a partir de conhecimentos, valores e significados que comumente são descritos de forma preconceituosa por quem detém o poder hegemônico, principalmente na construção do conhecimento. De acordo com Nilma Lino Gomes¹⁰, sobre a educação escolar

¹⁰ Pedagoga e Professora Dr^a da Universidade Federal de Minas Gerais, primeira mulher a se tornar reitora de uma universidade pública, a Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILA). Nilma foi nomeada em 2013 para Ministra no governo de Dilma Russeff ocupando o Ministério da Igualdade e dos Direitos Humanos, que

[...] existe um imaginário pedagógico que tende a considerar que a questão racial é uma tarefa apenas dos professores e professoras que assumem publicamente uma postura política diante da mesma ou um assunto de interesse somente dos professores/as negro/as [...] (2010 p.97).

Para Silva (2001) os currículos, programas, materiais e rituais pedagógicos privilegiam os valores europeus em relação aos grupos étnico-raciais na sociedade. Em consequência disso os próprios grupos excluídos podem privilegiar os valores da história e cultura dominantes, desconhecendo sua própria história. Neste sentido a fala da escritora Chimamanda¹¹ é muito coerente em nos lembrar de que há um perigo quando falamos em um história única

[...] todas as histórias vividas na Nigéria ditatorial, com pouca ou nenhuma valorização à educação fazem de mim a mulher que me tornei, no entanto insistir somente nas histórias negativas é superficializar minhas experiências e negligenciar outras histórias que também me constituem. ‘Já que uma única história cria estereótipos e o problema dos estereótipos não é que sejam mentiras, mas é que são incompletos e fazem uma história se tornar única’ (TED, 2015)

A partir dessa perspectiva forjou-se no Brasil uma educação na qual se excluiu dos conteúdos das disciplinas escolares a contribuição real da população negra e de sua imagem positivada para a formação da sociedade brasileira.

De acordo com Cunha Junior (2010), até o século XVI, o desenvolvimento africano era superior ao europeu em várias áreas do conhecimento. Diversos conhecimentos técnicos e tecnológicos foram importados da África. Podemos citar contribuições na matemática como a geometria, a teoria dos sistemas dinâmicos, na astronomia, na medicina. Segundo Cunha (2010), há a possibilidade dos africanos terem chegado a uma liga próxima à do aço antes do século XVI,, sendo que, na Europa só foram realizadas no século XIX.

No século XVII, países como o Congo e o Kano (situado hoje no norte da Nigéria) já exportavam tecidos para a Europa. Muito do conhecimento utilizado no

obteve unida as secretarias de Políticas para Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, seus estudos e lutas tem contribuído para a luta anti-racista no Brasil e também na área da educação.

¹¹ Escritora e feminista nigeriana . Trecho falado na Conferência “ O perigo de uma história única” que ocorreu durante o evento TED- Technology, Entertainment, Design, realizada nos EUA, que promove a troca de experiências e ideias entre personalidades de diferentes áreas. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt

período colonial só foi possível graças aos africanos. Um exemplo disso foi a cultura do couro e do gado, embora muitos historiadores desconhecem tais contribuições.

Muitos dos trabalhos existentes na época em que necessitavam de um mestre de ofício tinham como mestre um africano. De acordo com Cunha Junior (2010), as forjas de ferro em Sorocaba, no início da metalurgia brasileira é um exemplo disso.

Podemos citar também os marceneiros, carpinteiros, ferreiros, oleiros, artistas, professores e construtores existentes no Rio de Janeiro no século XIX (KARASCH, apud Cunha, 2010).

No entanto, todos estes conhecimentos têm sido negligenciados pelos historiadores e tecnólogos brasileiros decorrente da ausência da história africana no Brasil. Podemos com isso, refletir sobre a relevância da implementação da Lei 10.639 em 2003, para o reconhecimento e contribuição tanto dos africanos quanto dos afro-brasileiros para a formação do Brasil. Já que este foi o primeiro marco legal que obrigou a inserção de conteúdos africano e afro-brasileiro no currículo escolar.

As imagens e a questão étnico racial nos livros didáticos de Geografia

Santos (2011) afirma que a existência da lei 10.639/03 não garantirá uma educação antirracista, mas uma mudança na construção no campo das práticas curriculares concretas. Assim, para o autor (2010, p.5) a Lei 10.639/03 reposiciona o negro e as relações raciais na educação, transformando em denúncia e problematização o que é silenciado. Neste sentido a contribuição do ensino de Geografia pode ser pautada em uma educação que não reproduza os pilares racistas comumente ensinados nos currículos. Dessa forma como Santos (2010) reforça, a Geografia pode ser um instrumento para uma educação que visa a construção da igualdade racial.

Neste contexto, é notório a importância do Livro didático como ferramenta no âmbito escolar. Para Melatti e Gonçalves (2017), além dos Livros Didáticos marcarem presença expressiva no dia a dia das salas de aula nas escolas brasileiras, se tornaram um dos principais direcionadores do currículo das disciplinas, sendo um dos materiais que marcam as aulas de Geografia e o exercício do professor.

Esta característica evidencia a importância dos processos de avaliações didática e pedagógica destes materiais. De acordo com o Fundo Nacional de

Desenvolvimento da Educação (FNDE) o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino no Brasil, iniciando-se em 1937.

Apenas em 1993/94 seriam definidos critérios para a avaliação dos livros didáticos, com a “Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos” pelo MEC. Em 1996 é de iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos no PNLD, sendo publicado o primeiro “ Guia de Livros Didáticos” de 1ª a 4ª série. Atualmente, segundo os critérios de avaliação do PNLD

[...] a obra deve: observar os princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano, estar livre de estereótipos ou preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como de qualquer outra forma de discriminação, violência ou violação de direitos humanos, Estar livre de doutrinação religiosa, política ou ideológica, respeitando o caráter laico e autônomo do ensino público.
Promover positivamente a imagem de afrodescendentes, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, valorizando sua visibilidade e protagonismo social;
Promover positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, valorizando sua visibilidade e protagonismo social, com especial atenção para o compromisso educacional com a agenda da não-violência contra a mulher;
Promover positivamente a cultura e a história afro-brasileira, quilombola, dos povos indígenas e dos povos do campo, valorizando seus valores, tradições, organizações, conhecimentos, formas de participação social e saberes.
(EDITAL PNLD 2018, p 32).

Para Melatti e Gonçalves (2017), há evidências de que houve uma melhora na qualidade dos livros de geografia recomendados pelo Ministério da Educação. Mas em que medida este novo formato avaliativo busca valorizar as diferenças socioculturais e excluir os materiais que reforçam o racismo nos livros didáticos? De acordo com Guimarães:

o desafio mais crítico para aqueles que lutam contra o racismo no Brasil está justamente em convencer a opinião pública do caráter sistemático e não casual dessas desigualdades; mostrar a sua reprodução cotidiana através das empresas públicas e privadas, através de instituições da ordem pública como a

polícia, o sistema judiciário e correccional; através das instituições educacionais e de saúde pública. Só assim pode-se esperar levantar o véu centenário que encobre as dicotomias elite/povo, branco/negro na sociedade brasileira (GUIMARÃES, 2017, p.43).

Segundo Gonçalves e Melatti (2017) as habilidades e atitudes que caminham nesta direção são apontadas pontualmente apenas no manual do professor, ou seja; cabe a eles problematizar os fatos e situações para o enfrentamento de preconceitos de classe, gênero, raça, etnia e geração; a desnaturalização da pobreza de grupos sociais; o reconhecimento e valorização das diferenças socioculturais e das ações afirmativas manifestadas por movimentos sociais .

É importante ressaltar que as imagens são formas de linguagens, e neste sentido a leitura da imagem implica a compreensão dos códigos que regem a linguagem visual, sendo necessária a alfabetização que permita a leitura consciente das imagens.

Conforme os autores supracitados são poucos os conhecimentos e as imagens que os Livros trazem sobre a população afro-brasileira e sobre o racismo: Ressaltando mais a imagem da população africana do que afro-brasileira. Neste sentido, para Tonini (2013)

[...] as imagens podem ser pensadas como um aparato cultural, com finalidade de formação e subjetivação e, tal como veiculada em materiais escolares (principalmente o livro didático- por ser o mais usual), estariam se valendo de certos dispositivos de poder que entram em jogo para capturar identidades ali inscritas. (2013, p.179)

A autora também destaca a importância das imagens como linguagem potencializadora para entender o mundo, além de pensar a imagem como constituidora do modo de sermos, de acordo com Oliveira Jr e Girardi:

As imagens fazem parte da política do pensar e viver diário do espaço contemporâneo. As imagens fazem parte da política do educar contemporâneo. Elas nos educam também a ser educados por elas. Nos aprisionam em seus processos de sedução de nossos desejos de ver, realizam em nós diversas políticas da mirada para o mundo, nos configuram como homens e mulheres contemporâneos. Ser contemporâneo é conviver com as imagens, muitas vezes é ser imagem. (2010, p.18, apud TONINI, 2013, P. 179).

Desta forma, segundo os estudos de Tonini (2013), as identidades podem ser referenciadas, na qual existe um jogo de luta pela posição de qual identidade é tida como referência, havendo uma intenção de fixá-las com certos valores, tal qual “todas fazem parte de uma vontade de poder e de verdade dos discursos que as inventam com significados fixos, cristalizados e universais” (2013, TONINI, p.184).

No entanto existem algumas identidades que comumente transitam segundo a autora, associadas a uma “natureza primitiva, à baixa qualificação profissional, a problemas urbanos, entre outros, cujos atributos econômicos e sociais desencadeiam diferenciações entre elas” (2013, TONINI, p. 188).

As identidades mencionadas pela autora são os negros/mulheres/indígenas e os homossexuais¹². Tonini (2013) ainda chama atenção para as narrativas que envolvem estas identidades, pois para ela as identidades analisadas são culpabilizadas por:

sua própria condição econômica e social ao mostrar uma visualidade da fome, da pobreza, dos impactos urbanos. Isto fixa nelas a responsabilidade desta condição e transfere para elas o discurso colonial, para continuar a capturar estas identidades como as Outras. São estratégias acionadas para girar o significado em torno de si mesmo, sempre na busca da naturalização do processo, em que o discurso tende a fechar o campo da significação ao restringir a diversidade (2013, p.188).

Desta maneira, a autora nos leva a refletir sobre a operacionalidade do poder decorrente do significado de tais imagens, ou seja; elas estão sempre associadas a determinados lugares ou profissões dos sujeitos representados nas imagens em questão. Buscando representar a imagem do negro, da mulher e do indígena a locais sem muito interesse, para Tonini (2013)

as imagens tendem a fixar a diferença existente entre os referentes acionados a partir de uma perspectiva que posiciona o diferente como excluído, normalizado e essencializado. Diversidade e diferença parecem termos similares, seus usos parecem ser os mesmos entre as imagens dos livros didáticos e da mídia (2013, p.189).

¹² Eu incluiria neste grupo toda a população LGBTQIA: sigla para definir Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexual. Disponível em : <<http://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtqia/o-que-e-lgbtqia/>>.

Para além das imagens representadas nos Livros, comumente são representadas em outros locais, como a TV, internet, revistas, propagandas e publicidades, alcançando um público bem maior, entre este público encontra-se os jovens.

Consequentemente os significados destas imagens se repetem, criando na sociedade um imaginário coletivo acerca dos estereótipos, principalmente dos grupos ditos excluídos. Desta maneira, a publicidade tem um papel muito importante, pois ela pode desconstruir ou reforçar estes estereótipos. Segundo Kellner (2013)

desde o momento em que acordamos com rádios, despertadores e ligamos a televisão com os noticiários da manhã até nossos últimos momentos de consciência, a noite, com os filmes ou programas de entrevistas noturnos, encontramos-nos imersos num oceano de imagens, numa cultura saturada por uma flora e uma fauna constituídas de espécies variadas de imagens, espécies que a teoria cultural contemporânea apenas começou a classificar (2013, p.103).

Para o autor a publicidade não é apenas informativa, ela é devastadora e persuasiva, pois os publicitários, não apenas tentam vender o produto mas associá-lo a certas características aceitáveis socialmente, pois vendem juntamente ao produto uma visão de mundo

[...] a publicidade ensina uma visão de mundo, valores e quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais são inaceitáveis. Além disso, a publicidade é um texto social importante e um indicador social que fornece um repositório de informações a respeito de tendências sociais, de modas, de valores contemporâneos e daquilo que realmente preocupa os dirigentes do capitalismo de consumo. (KELLNER, 2013,p.108)

Segundo Kellner (2013) é preciso compreender que a nova era está centrada na cultura da imagem, neste sentido é conveniente aprender a ler suas formas culturais fascinantes e sedutoras. Ainda sobre a importância das imagens na educação o autor ressalta:

a educação deveria prestar atenção a esta nova cultura, na tentativa de desenvolver uma pedagogia crítica, que estivesse preocupada com a leitura de imagens. Para isso seria necessário uma nova pedagogia radical, que tentasse ir à raiz de nossa

experiência, nosso comportamento e conhecimento e objetivasse a liberação da dominação e a criação de novos eus plurais, fortalecidos e mais potentes. (KELLNER, p.105, 2013)

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico, na qual os autores e autoras possuem uma trajetória ou uma produção no campo educacional, assim como um posicionamento anti-racista tal qual um lugar de fala que desse visibilidade aos sujeitos negros excluídos pela sociedade brasileira. Após as leituras, foram feitos vários fichamentos com o intuito de utilizá-los no desenvolvimento do trabalho.

Assim, foi utilizado o método qualitativo de cunho documental, a partir de pressupostos modernos e pós modernos baseados principalmente nos estudos de Douglas Kellner por meio do artigo Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia moderna e Ivaine Maria Tonini mediante a obra: Notas Sobre Imagens Para Ensinar Geografia.

Com base nas leituras realizadas, escolhi utilizar neste trabalho as teorias de Douglas Kellner, Ivaine Tonini, a Lei 10.639/03 e o PNLD para criar 4 categorias de análise. As categorias são: Vulnerabilidade socioeconômica, Valorização, Neutralidade e Outros.

Para o presente trabalho foram selecionadas duas coleções de livros didáticos de geografia, a primeira coleção Expedições Geográficas possui como autores Melhem Adas e Sérgio Adas contendo um total de quatro livros, obra utilizada no 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais.

A segunda coleção utilizada no Ensino Médio, possui um total de três livros, portando como autores Ellen Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça, denominada Território e Sociedade no Mundo Globalizado. Para tais coleções, o critério de escolha foi a utilização de ambas as obras em espaços de experiência docente da autora do trabalho.

Após a escolha dos livros, houve uma observação das imagens, com a finalidade de selecionar as figuras representadas pela população negra, após isso, houve a descrição das mesmas e a partir disso a contagem e a categorização. Isto posto, as obras foram analisadas por meio das categorias escolhidas para o trabalho, para uma

melhor visualização e organização das imagens foram elaborados dois quadros e dois gráficos.

Categoria Valorização

Para a criação da categoria *Valorização*, pensou-se o reconhecimento da imagem dos negros nos livros didáticos, de tal forma que ao depararmos com determinadas imagens possamos perceber elementos positivados sobre a população negra e suas pertencas. Essa categoria foi pensada a partir dos critérios estabelecidos para análise dos Livros didáticos, cujos quais exigem conteúdos que valorizem a população negra (PNLD, 2018).

Assim, algumas imagens inscritas nesta categoria vão valorizar sobretudo sua cultura, religião, mercado profissional, líderes políticos, obras de artes e educação, resultando de forma consubstancial o fortalecimento da população negra. A seguir, apresento algumas imagens selecionadas para representar a categoria *Valorização*: Figura 1: Beleza dos corpos negros, Figura 2: Representações culturais- o Candomblé, Figura 3: Resistência do povo negro, Figura 4: Empoderamento da mulher negra.

Figura 1- A Beleza dos corpos negros



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A Figura 1 se encontra na coleção Expedições Geográficas na página 155 no exemplar do 7º ano, foi selecionada para representar a valorização da mulher negra, em um desfile de roupas produzidas com algodão colorido durante o evento Rio-à-Porter

em 2011. A valorização da beleza negra ocorre ao passo que a presença de mulheres negras em eventos deste porte é reduzido se comparado a presença de mulheres e homens brancos. Podemos considerar que esta imagem segundo os critérios do PNLD, promove positivamente a figura da mulher negra em razão de seu protagonismo em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder.

Figura 2- Representações Culturais - o Candomblé



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 2 se encontra na coleção Expedições Geográficas na página 87 no exemplar do 6º ano, foi selecionada por valorizar uma das religiões de matriz africana: o Candomblé. Decorrente da falta de conhecimento da cultura afro-brasileira, este é comumente retratado de forma pejorativa e preconceituosa na nossa sociedade. Neste sentido a imagem em questão, valoriza esta manifestação cultural e religiosa por contextualizar de forma positiva a questão do tempo para os iorubás, povo africano do sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados também pela República do Benin e pelo norte da República do Togo.

Figura 3- Resistência do povo negro



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 3 se encontra na coleção Expedições Geográfica na página 142 no exemplar do 8º ano, e retrata Martin Luther King em 28 de agosto de 1963, durante a marcha por trabalho e liberdade, que reuniu mais de 250 mil pessoas no Memorial Lincoln, Washington, EUA. Ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1964, Luther King foi um dos principais líderes que lutava pelos direitos civis dos negros nos EUA e foi um defensor da resistência não violenta à opressão racial. No entanto, apesar de pregar a paz e a igualdade, foi assassinado em 1968. A imagem fala por si, representar o significado de sua luta nos materiais didáticos é referência para todos os alunos, em especial para os alunos e alunas negras, neste sentido a imagem foi selecionada para representar e valorizar a resistência do povo negro.

Figura 4 - Empoderamento da mulher negra



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

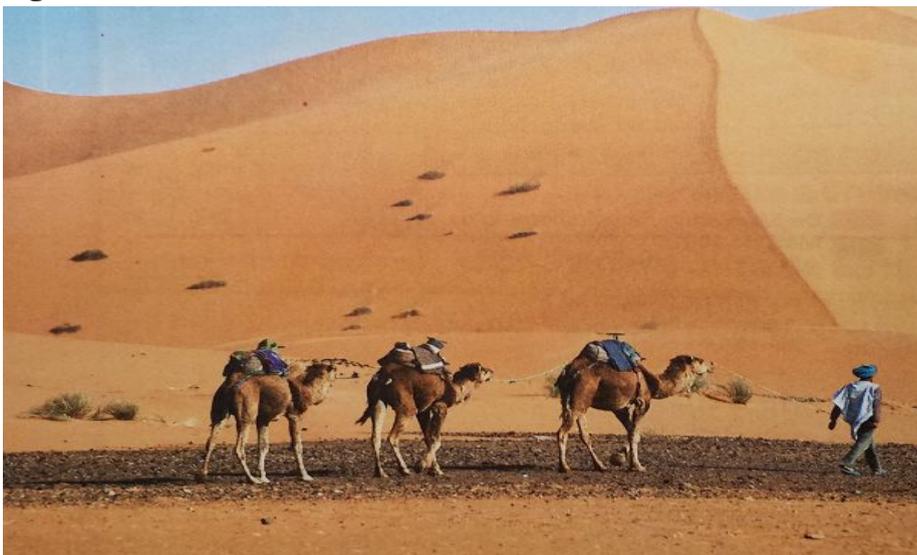
A figura 4 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, na página 188 no exemplar do 2º ano do Ensino Médio, foi considerada para representar a categoria de valorização, por fazer menção ao mercado de trabalho para os jovens. Embora esta imagem não represente o cenário do jovem brasileiro, a figura em questão valoriza a representatividade do negro no campo da ciência. É importante ressaltar que ao manusear uma máquina deste porte, ela ocupa um espaço diferenciado na sociedade, servindo de referência para alunos negros que podem se espelhar nesta jovem cientista canadense.

Categoria neutralidade

Na categoria *Neutralidade*, pensou-se a representação de imagens nas quais não fossem observados valores que inferiorizam ou valorizam a imagem do negro. Neste sentido, a presença do negro é identificada nas imagens, porém nos contextos em que elas aparecem não se percebe nenhum juízo de valor suficiente para serem inscritas em outras categorias. Esta categoria foi pensada a partir da necessidade de cumprimento da Lei 10.639/03 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

A seguir, apresento algumas imagens selecionadas para representar a categoria Neutralidade: Figura 5: Permeando o Deserto, Figura 6: A diversidade, Figura 7: Cotidiano familiar, Figura 8: O ingresso

Figura 5- Permeado o Deserto



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 5 se encontra na coleção Expedições Geográficas na página 26 do exemplar do 8ºano, ela retrata uma caravana de camelos no Deserto do Saara, em território marroquino, no Norte da África. Esta figura foi selecionada por retratar uma paisagem africana contextualizando apenas os fatores que influenciam o povoamento na região, no texto em questão, não foi identificado nenhum elemento de cunho racial, fazendo menção aos povos do deserto, neste sentido a imagem é inscrita na categoria Neutralidade.

Figura 6- A diversidade



Fonte: BRANCO, LUCCI; MENDONÇA (2013)

A figura 6 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 3ºano do Ensino Médio, na página 126, foi categorizada como neutra, pois foi utilizada em uma página de exercícios do material didático, na qual a atividade era fazer um levantamento de dados sobre os jovens e discutir informações pesquisadas. Embora nomeada como ‘A diversidade’, no contexto no qual ela se apresentava o foco eram os jovens de maneira geral, e não exclusivamente os jovens negros.

Figura 7 - Cotidiano familiar



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 7 se encontra na coleção Expedições Geográficas na página 245, no exemplar do 6º ano, foi selecionada para representar a categoria Neutralidade por ser utilizada apenas para exemplificar os valores impostos pela publicidade sobre o status

de felicidade, no conteúdo do texto não se fez menção a nenhuma informação de cunho racial, apenas contextualizava as campanhas publicitárias. Neste sentido a imagem foi inscrita na categoria citada.

Figura 8 - O Ingresso



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A figura 8 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 2º ano do Ensino Médio, na página 95. Ela contextualiza o ingresso da Rússia na Organização Mundial do Comércio, no final do ano de 2012, neste sentido a imagem em questão foi inscrita na categoria Neutralidade por fazer menção às questões geopolíticas e não raciais, pois em nenhum momento no texto foram identificadas informações de cunho racial. A Rússia era a única potência que se encontrava fora da OMC depois do ingresso da China e de Taiwan em 2001. Embora todas as questões que envolvam a geopolítica sejam de cunho ideológico, a figura foi utilizada apenas para representar uma reunião que aconteceu em Genebra no ano de 2011.

Categoria Vulnerabilidade Socioeconômica

Na categoria Vulnerabilidade socioeconômica pensou-se as imagens nas quais a representação da população negra seja retratada de forma inferiorizada segundo suas condições social e econômica, atribuindo-lhes qualidades incompatíveis com os critérios de avaliação segundo o PNLD, que prevê promover positivamente a imagem dos afrodescentes, considerando sua participação e protagonismo em diferentes trabalhos,

profissões e espaços de poder. Para pensar esta categoria, além do que prevê o PNLD também foram utilizados os estudos da Prof^a Dr^a Ivaine Maria Tonini nos quais ela problematiza as imagens de negros que circulam nos livros didáticos a contextos associados a uma natureza primitiva, à baixa qualificação profissional, a problemas urbanos, entre outros.

Para representar a categoria Vulnerabilidade socioeconômica foram selecionadas quatro imagens : Figura 9: O Peso da desigualdade. Figura 10: Os Órfãos da ONU, Figura 11: O olhar da imigração e Figura 12: Je sui Haiti.

Figura 9 - O Peso da Desigualdade

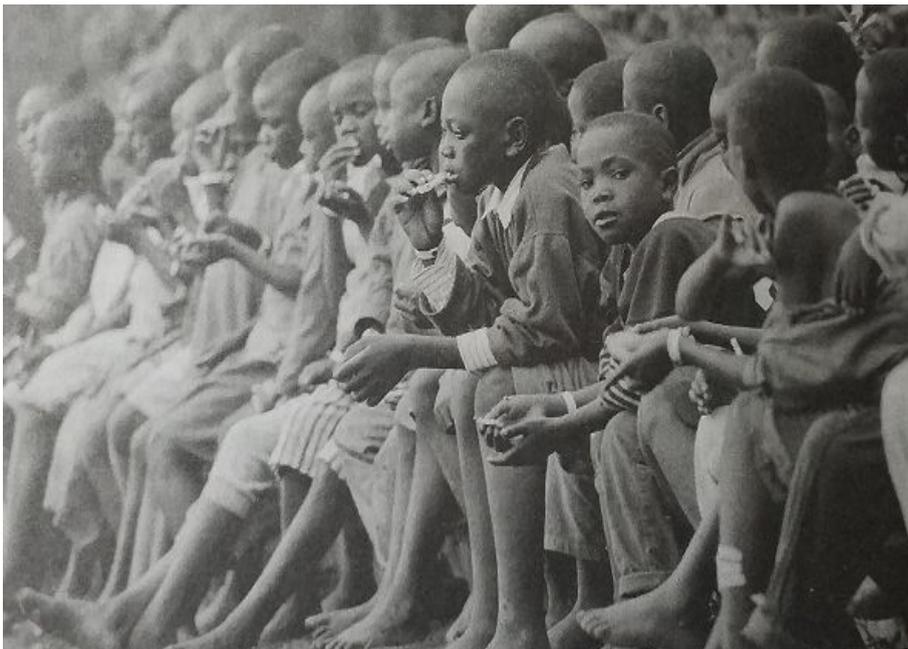


Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 9 se encontra na coleção Expedições Geográficas, na página 176 no exemplar do 8º ano. A imagem retrata a realidade de um trabalhador carregando folhas de erva-mate em uma plantação próxima à cidade de Oberá, na província de Misiones, Argentina no ano de 2013. É possível identificar nesta figura a desigualdade social e econômica a qual o trabalhador se encontra. Diante dos critérios avaliativos previstos pelo PNLD esta figura além de não retratar a imagem do negro de forma positivada, contribui para um imaginário que define “um lugar” para a população negra na sociedade, lugar tal, geralmente não ocupado por pessoas brancas. Associando-os à imagens de pobreza, submetidos a trabalhos menos prestigiados e com salários mais

baixos, além de, muitas vezes, serem responsabilizados por sua condição socioeconômica ao reproduzir o discurso colonial (Tonini, 2013).

Imagem 10 - Os Órfãos da ONU



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A figura 10 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 3º ano do Ensino Médio, na página 41. A figura em questão retrata o genocídio de Ruanda, país localizado no sudoeste do continente africano, que foi colônia belga até o início da década de 1960, neste período os belgas fomentaram a rivalidade entre dois grupos étnicos: os tutsis e hutus- para manterem-se sobre o domínio do país.

Após a conquista da independência em 1962, os tutsis que mantinham privilégios sob o comando belga passaram a ser perseguidos, culminando em uma guerra civil sangrenta resultando em mais de 800 mil mortes e 2 milhões de refugiados segundo Mendonça, Lucci e Branco (2013). Após o conflito, as estimativas de crianças abandonadas e órfãs chegaram em torno de 1 milhão.

A imagem foi selecionada para representar a categoria Vulnerabilidade socioeconômica por apresentar elementos que não contribuem para uma imagem positiva do povo africano, embora a figura esteja coerentemente inserida no contexto do livro que visa trabalhar os conflitos étnicos.

Imagem 11 - O olhar da imigração



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

É como se deixá-los se afogar funcionasse como um bloqueio para impedir os imigrantes de partirem para a Europa.
Fatou Diome

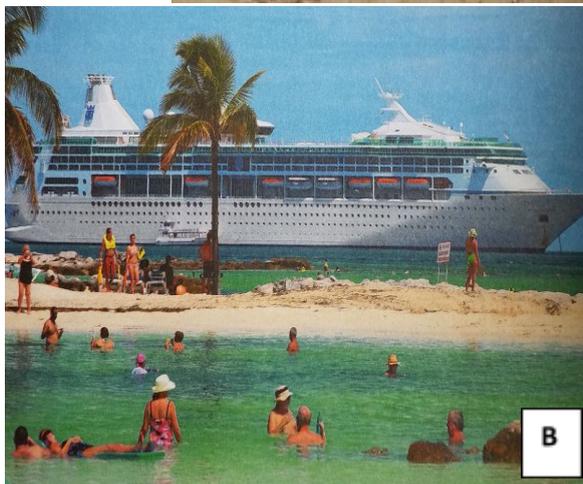
A figura 11 se encontra na coleção Expedições Geográficas na página 80, no exemplar do 9º ano, iniciando a unidade Europa: diversidade e integração. Esta imagem retrata um grupo de imigrantes ilegais do Sudão, país do Norte da África, porém a figura se refere a imigração na cidade de Calais na França, no ano de 2014. A Europa vem enfrentando conflitos relacionados à presença de imigrantes ilegais, ataques terroristas, entre outros problemas relacionados às suas fronteiras territoriais.

A imagem denota uma sensação de desesperança diante da condição do imigrante, do imigrante ilegal. Uma figura como esta carrega sentidos e significados para quem a olha, pois o olhar do senegalês de capuz transmite a ausência da humanidade, a falta de presença do Estado, as consequências do colonialismo.

É relevante retomar Tonini (2013) ao dizer que as relações de poder entram em jogo para escolher estrategicamente quais atributos serão acionados ou quais serão apagados. Esta figura, para quem desconhece a violência cometida pela colonização

européia e suas consequências, pode representar um estereótipo sobre os imigrantes, deslocando a responsabilidade sobre a questão da imigração.

Figura 12 - Je suis Haiti



Fonte: ADAS e ADAS (2015)

A figura 12 se encontra na coleção Expedições Geográficas no exemplar do 8^a ano na página 256. A imagem foi escolhida para representar a categoria Vulnerabilidade socioeconômica por trazer elementos que depreciam a presença da população negra no material didático, pois junto com a Figura 12-A se encontravam mais duas figuras, referentes aos conteúdos de população e de economia. Ambas representadas por pessoas brancas, na região do Caribe, a Figura 12-C retrata pessoas passeando em uma cidade da

República Dominicana, a Figura 12-B retrata um praia com turistas em Cococay, numa pequena ilha nas Bahamas, ao fundo um cruzeiro.

Ambas não foram categorizadas por não representarem a população negra no livro, apenas foram utilizadas a nível comparativo. Porém a imagem selecionada representa a categoria por retratar uma população haitiana em meio ao caos do terremoto de 2010, quatro dias após o fenômeno.

O Haiti, é um país da América Central, também banhado pelo mar do Caribe, região na qual as duas figuras acima estavam inseridas, porém representadas de forma positiva. Neste sentido a figura selecionada não contempla nem a Lei 10.639/03 e nem o PNLD que prevê retratar a imagem da população negra de forma a não reproduzir estereótipos negativos.

Além da quantidade de mortos após o terremoto (em torno de 316 mil pessoas), o país passa atualmente por um complexo processo de imigração, sendo que uma parcela dessa população haitiana imigraram para o Brasil. Contudo, o Brasil é país com alto índice de violência contra a população negra e com um comportamento xenofóbico, muitos haitianos em seu país de origem possuíam nível superior, aqui chegando foram obrigados a se adequar a realidade do mercado brasileiro.

Categoria Outros

Na categoria Outros pensou-se a representação da população negra por meio de charges, obras de artes, infográficos e figuras com teor racial nas quais fossem abordados temas como racismo, desigualdade racial e privilégios da branquitude¹³.

A categoria está apoiada assim como as demais nos critérios de avaliação do PNLD e de acordo com o que prevê a Lei 10.639/03, tomando como referência os estudos de Tonini (2013) e Kellner (2013). Para representar a categoria Outros foram selecionadas as figuras a seguir: Figura 13: Racista eu?, Figura 15: Olhos da injustiça, Figura 16: A luta, Figura 17: O açoite.

¹³ A branquitude refere-se a identidade racial branca, a branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos, isto é, materiais palpáveis que colaboram para a construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Segundo Ruth Frankenberg a define como: “a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo” (Frankenberg, p. 70, 1999). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>>

Figura 13 - Racista eu ?



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A charge se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 3º ano do Ensino Médio, na página 24. Esta imagem foi selecionada para representar a categoria Outros por retratar ironicamente a questão do racismo, visto que, as pessoas brancas diante de seus privilégios não se enxergam cometendo o crime de racismo, pois ao se relacionarem socialmente com pessoas negras acreditam ser suficiente para que não sejam racistas. O autor da charge é membro do Conselho Administrativo do Museu Afro Brasil, o artista preside o Conselho Editorial de uma revista voltada para o público negro.

Figura 14 - Olhos da injustiça



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A figura 14 se encontra na página 23 da coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 3ºano do Ensino Médio, a imagem foi selecionada por problematizar a questão do racismo, produzida pelo fotógrafo Januário Garcia que imprime em suas obras a preocupação com a desigualdade racial e protesta a favor da igualdade. É importante ressaltar que esta categoria busca problematizar temas de cunho racial.

Figura 15 - A luta



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A Figura 15 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 3ºano do Ensino Médio na página 39. Foi selecionada para representar a categoria Outros, por retratar por meio da obra de arte do pintor chinês

Zhou Ruizhang de 1964, denominada “Apoiar com determinação a luta anti-imperialista dos povos asiático, africano e da América Latina”.

A figura demonstra uma diversidade de povos, chamando atenção para a questão da colonização, com o fim da II Guerra Mundial desencadeia uma motivação pela descolonização dos países africanos e asiáticos. O Pan-africanismo e o Pan-arabismo surge com força unindo seus povos contra o poder imperial e colonizador do homem branco. Em África temos como expoente Jomo Kenyatta, do Quênia e Kwame Nkrumah de Gana. No mundo árabe surge o Pan-arabismo formulado pelo presidente do Egito Gamal Abdel Nasser, que propõe a união dos povos do norte da África com os povos do Oriente Médio na tentativa de conter o avanço ocidental.

Figura 16: O desempregado



Fonte: BRANCO, LUCCI e MENDONÇA (2013)

A Figura 16 se encontra na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado, no exemplar do 2º ano do Ensino Médio na página 115. Esta imagem foi selecionada por representar a categoria Outros por tecer de forma artística uma crítica de cunho social, produzida pelo pintor chinês Li Zijian, um dos artistas mais importantes da atualidade, a obra denominada “Desempregado” é de 1992, e orienta o olhar para o homem, cuja força e juventude contrastam com a condição social.

RESULTADOS

Observou-se um total de 57 imagens nas duas coleções, as quais foram categorizadas como *Valorização, Neutralidade, Vulnerabilidade socioeconômica e Outras* e analisadas à luz da Lei 10.639/03, do Plano Nacional do Livro Didático e dos autores Douglas Kellner e Ivaine Tonini.

Análise das Imagens

A partir das categorias criadas fez-se a descrição e categorização de todas as 57 imagens presentes nos livros, as quais estavam presentes a população negra. Estas informações estão representadas no Quadro 1: coleção Expedições Geográficas do Ensino Fundamental, e o no Quadro 2 para as figuras selecionadas na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado do Ensino Médio.

Quadro 1 – Representação da população negra nos livros didáticos de geografia. Expedições Geográficas - Ensino fundamental.

Ano	Página	Descrição da imagem	Categoria
6º ano	87	Ritual do Candomblé no Município de Santo Amaro da Purificação, BA (2013).	Valorização
6º ano	185	Agricultor flagelado devido a seca de 1915	Vulnerabilidade socioeconômica
6º ano	195	Seringueiro extraindo látex em Assentamento na Amazônia	Vulnerabilidade socioeconômica
6º ano	208	Mulher e criança quilombolas em Soledade, quebra de coco babaçu “forma rudimentar”	Vulnerabilidade socioeconômica
6º ano	214	Homem extraindo minério em garimpo na Tailândia	Vulnerabilidade socioeconômica
6º ano	223	Lavrador arando a terra com tração animal	Vulnerabilidade socioeconômica
6º ano	245	Família negra de classe média assistindo televisão, contextualizando a influência das propagandas sobre ideias de felicidade e bem estar.	Neutralidade
6º ano	64	Jovens negros trabalhando de “flanelinha” na Paraíba na cidade de João Pessoa.	Vulnerabilidade socioeconômica

6º ano	73	Charge contextualizando a questão do racismo: Preconceito eu não aceito.	Outros
6º ano	59	Passageiros aglomerados em metrô lotado no Rio Janeiro.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	68	Imagem da aplicação do castigo do açoite (1834) . Jean-Baptista Debret . Escravidão	Outros
7º ano	91	Homem caminhando em alagamento na cidade de Natal.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	91	Menino negro parado ao lado de uma mulher na Zona Norte de SP, favela do Jardim Peri Alto.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	98	Trabalhador na colheita do cacau no município de Una, BA.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	99	Trabalhadores na colheita do guaraná, em fazenda do município de Maués em Amazonas.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	137	Coletor de cipó-imbé na comunidade de Terra Nova, no município de Barcelos, AM.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	149	Mulher marisqueira na Praia do Camacho em PE, no município Maragogi. AL.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	155	Modelo negra no desfile de roupas de algodão do evento Rio-à-Porter.	Valorização
7º ano	163	Sertanejo conduzindo gado na área rural do município de Anagé, BA.	Vulnerabilidade socioeconômica
7º ano	164	Alguns retirantes nordestinos pretos e brancos que migraram para o Sudeste na década de 50, utilizando pau-de-arara.	Outros
7º ano	199	Infográfico com imagem de mulher negra médica representando mulheres no setor de serviços no Sudeste.	Outros
7º ano	205	O lavrador de café, Óleo sobre tela, Portinari 1939.	Outros
7º ano	218	Gravura Escravo Negro, conduzindo tropas na Província do Rio Grande 1823.	Outros
8ºano	26	Caravana no Deserto do Saara, em Marrocos, homem conduzindo camelos.	Neutralidade
8ºano	142	Martin Luther King em discurso na Marcha de Washington por trabalho e liberdade.	Valorização
8ºano	143	Pessoas no bairro de Harlem em Nova York, década de 40, antigo gueto negro.	Vulnerabilidade socioeconômica

8º ano	176	Trabalhador carregando folhas de erva-mate em plantação na cidade de Oberá, na província de Misiones, Argentina (2013).	Vulnerabilidade socioeconômica
8ºano	229	Bob Marley em show em Copenhagen, Dinamarca.	Valorização
8º ano	257	Pessoas caminhando pelas ruas de Porto Príncipe, capital do Haiti dias após o terremoto de 2010.	Vulnerabilidade socioeconômica
9º ano	37	Médica e paciente negras na localidade de Batangafo, República Centro-Africana.	Valorização
9º ano	81	Imigrantes ilegais do Sudão, na cidade de Calais, norte da França.	Vulnerabilidade socioeconômica
9º ano	220	Nelson Mandela e seus partidários na cidade de Mmabatho, África do Sul (1994).	Valorização
9º ano	221	Sul-africanos em protesto contra o regime Apartheid em 1952.	Vulnerabilidade socioeconômica
9ºano	229	Trabalhadores em agricultura de subsistência, na Tanzânia.	Vulnerabilidade socioeconômica

Quadro 2 – Representação da população negra nos livros didáticos de geografia. Território e Sociedade no Mundo Globalizado. Ensino Médio.

Ano	Página	Descrição da imagem	Categoria
1ºano	254	Seringueiro no Projeto Assentamento Extrativista Chico Mendes no Estado do Acre- extraindo látex na Floresta Amazônica.	Vulnerabilidade socioeconômica
2º ano	20	População majoritariamente negra em fila para receber refeição durante a Grande Depressão em Nova York, 1937. Ao fundo um outdoor exalta o modo de vida americano.	Vulnerabilidade socioeconômica
2ºano	39	Pôster de 1967 do artista chinês Zhou Ruizhuang- Apoio à luta anti-imperialista contra os povos africanos, asiáticos e da América-latina, a imagem retrata vários povos unidos contra o imperialismo, inclusive um homem negro protagonizando o movimento.	Outros
2ºano	53	Acampamento de refugiados de Darfur no Chade, 2007. Imagem retrata mulheres negras refugiadas no acampamento.	Vulnerabilidade socioeconômica

2ºano	95	Imagem retrata reunião da OMC- Organização Mundial do Comércio. Cinco pessoas, entre elas dois homens negros.	Neutralidade
2ºano	115	Pintura de homem negro desempregado- Li Zijan (1954-) pintor chinês da atualidade retrata em suas obras hiper-realistas de cunho social a condição de um homem negro desamparado por sua condição social.	Outros
2ºano	188	Imagem de mulher negra – Jovem cientista em Torrance (Canadá).	Valorização
2ºano	250	Agricultores colhendo algodão perto da cidade de Korhogo na Costa do Marfim, 2011. Retratando a condição do agricultor em África.	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	10	Pessoas protestando no Dia do Trabalho em Paris contra a exclusão, o racismo, xenofobia, majoritariamente pessoas negras.	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	11	Charge satirizando o preconceito – garoto negro sonhando com relações de racismo retoma frase histórica de Martin Luter King “... eu tive um sonho”.	Outros
3º ano	23	Cartaz de Januário Garcia, que alerta sobre a desigualdade racial.	Outros
3º ano	24	Charge que ironiza mulher branca dizendo não ser racista e apontando para todos seus empregados negros, desde a babá até seu chofer.	Outros
3º ano	41	Imagem de crianças órfãs durante o genocídio de Ruanda, à espera de alimentos no campo de refugiados em Goma, no Zaire (hoje República Democrática do Congo).	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	88	Família de área rural assistindo televisão , em Serra Azul- MG (2006)	Neutralidade
3º ano	126	Imagem retratando jovens para o mercado de trabalho, de 8 pessoas apenas um jovem negro está entre o grupo.	Neutralidade
3º ano	158	Mercado informal em Madagascar , 2012	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	164	Mulheres trabalhando em fábrica de calçados em Franca, (SP), 2011	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	172	Vendedores ambulantes em Lusaka (Zâmbia), 2012	Vulnerabilidade

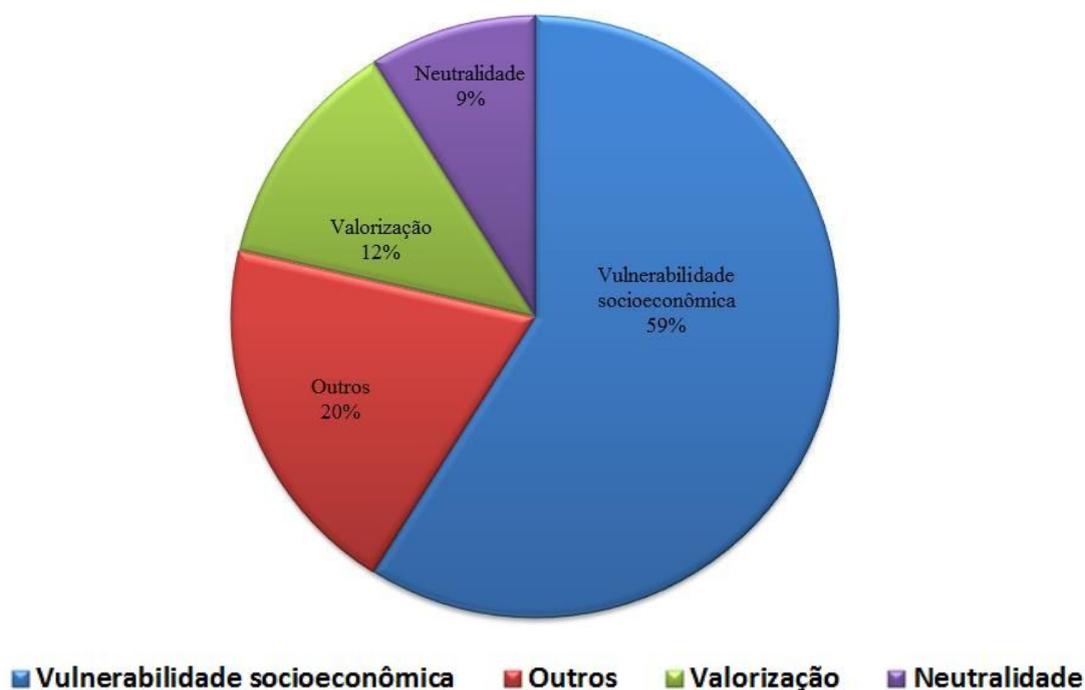
			socioeconômica
3º ano	177	Imigrantes ilegais são presos em Atenas(Grécia), na operação Zeus Xenios, 2012	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	182	Médica cubana atende pacientes em sua casa na Venezuela, a família venezuelana demonstra pelas imagens cena de vulnerabilidade.	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	193	Haitianos em Brasileia (AC), 2012, em busca de regularização de sua situação no Brasil	Vulnerabilidade socioeconômica
3º ano	230	A imagem retrata um canteiro de obras de empresa brasileira de construção civil localizada em Luanda, capital de Angola.	Vulnerabilidade socioeconômica

Org. Fernanda Ravena Moraca Costa -2018.

No intuito de apresentar quantitativamente a distribuição das categorias das imagens analisadas, a categoria Vulnerabilidade socioeconômica apresenta um resultado de 59% das imagens analisadas nos livros, a categoria Outros, apresenta 20% das imagens analisadas, a categoria Valorização apresenta 12 % das imagens analisadas e com 9% a categoria Neutralidade (gráfico 1).

Podemos perceber que o maior percentual representado pela categoria Vulnerabilidade socioeconômica se deve ao fato de a maioria das imagens representarem de forma depreciativa a imagem da população negra e neste sentido não cumprindo com o que prevê a Lei 10.639/03.

Gráfico 1- Representação da população negra nos livros de geografia por categorias



Org. Fernanda Ravena Moraca Costa -2018.

No quadro 3 todas as categorias foram reunidas, para que melhor fossem visualizadas distribuiu-se as imagens em duas colunas denominadas Ensino Fundamental e Ensino Médio nas quais o total de imagens analisadas aparecem nos respectivos anos escolares.

Quadro 3: Síntese: as categorias

CATEGORIAS	ENSINO FUNDAMENTAL - ANO					ENSINO MÉDIO ANO			
	6º	7º	8º	9º	TOTAL	1º	2º	3º	TOTAL
Vulnerabilidade socioeconômica	7	7	3	3	20	1	3	9	13
Neutralidade	1		1		2		1	2	3
Valorização	1	1	2	2	6		1		1
Outros	1	5			7		2	3	5

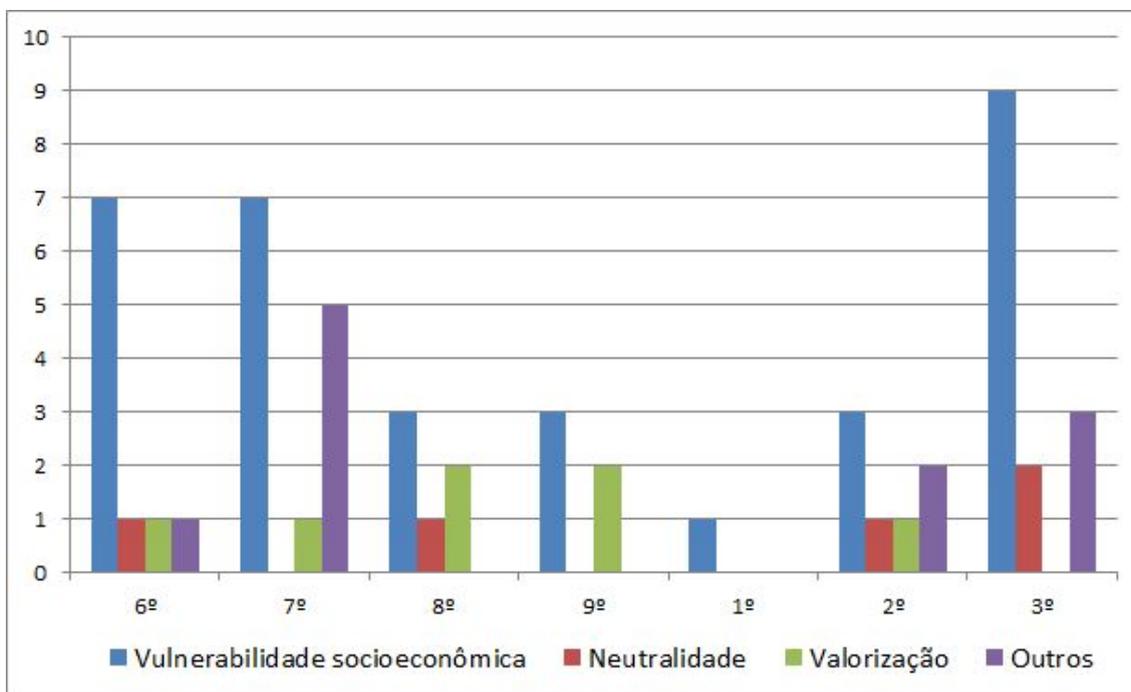
TOTAL	10	13	6	5	34		1	7	14	22
--------------	----	----	---	---	----	--	---	---	----	----

Org. Fernanda Ravena Moraca Costa -2018

O Gráfico 2 representa a análise das imagens distribuídas pelos anos escolares conforme dados apresentados no quadro 3. A categoria Vulnerabilidade socioeconômica é identificada no 6º e no 7º anos contabilizando um total de 7 imagens para cada ano. Já a categoria Valorização é representada nos respectivos anos com apenas um imagem para cada ano. No 8º e no 9º anos foram contabilizadas um total de 3 imagens para cada ano representando a categoria Vulnerabilidade socioeconômica, e um total de 2 imagens para cada ano representando a categoria Valorização.

Na coleção Território e Sociedade no Mundo Globalizado foi identificada apenas 1 imagem para representar a categoria Vulnerabilidade socioeconômica no 1º ano do Ensino Médio, já no 2º ano foram identificadas 3 imagens para representar esta mesma categoria enquanto a categoria Valorização foi representada apenas por 1 imagem. No 3º ano a categoria Valorização não aparece enquanto que a categoria Vulnerabilidade socioeconômica é representada por 9 imagens.

Gráfico 2- Representação da população negra nos livros de geografia por ano escolar.



Org. Fernanda Ravena Moraca Costa -2018.

Podemos concluir a partir dos resultados alcançados, que em ambas as coleções as imagens da população negra estão majoritariamente inseridas na categoria Vulnerabilidade socioeconômica. Identificou-se que 59% das imagens em que a população negra aparecem reforçam estereótipos negativos, vinculam a população a profissões de baixa valorização, a espaços de vulnerabilidade social e/ou econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram analisadas um total de 57 figuras, das quais 33 foram inseridas na categoria Vulnerabilidade socioeconômica (59%) e somente 7 apresentam a valorização da população negra (12%). Diante deste resultado, observou-se o não cumprimento do que prevê o edital do PNLD, o qual estabelece que a obra deve estar livre de estereótipos promovendo positivamente a cultura e a história afro-brasileira e quilombola, valorizando suas tradições, organizações, conhecimentos, formas de participação social e saberes.

Ainda que uma mudança qualitativa venha acontecendo, observamos também,

que as coleções analisadas não contemplam a Lei 10.639/03, contribuindo para a manutenção dos estereótipos associados a população negra. O livro didático apesar de tantas controvérsias ainda é a “ferramenta” de instrução educacional mais acessível para a maior parte dos estudantes e dos professores. É por meio dele que muitos alunos acessam o conteúdo ensinado em sala de aula.

Portanto a escolha criteriosa dos professores por uma coleção que valorize a imagem da população negra é relevante para a formação de uma sociedade menos racista e mais cidadã. Além, disso, acredito que, nós professores e professoras temos o dever de incluir em nossas aulas, críticas e considerações acerca de imagens que comumente reforçam um imaginário negativo sobre a população negra brasileira. Apontar elementos de discriminação e propor novas abordagens para se pensar uma sociedade mais justa e menos desigual é um dever de todos nós, em especial os agentes e sujeitos comprometidos com educação brasileira.

Nesse sentido, a Lei 10.639/03 possibilita mudanças que exigem esforço não apenas da categoria do professorado, mas também da gestão, das editoras de livros didáticos e conseqüentemente dos autores destes materiais. Cabe levantar o debate sobre qual educação queremos para os nossos jovens, já que muitos deles não conseguem se ver representados na sua própria história.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul (Séculos XVI e XVII)**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

AZEVEDO, Amailton Magno; LUCINDO, Willian Robson Soares. Colonização europeia, escravidão e tráfico. In: RASCKE, Karla Leandro. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco (Orgs.). **Formação de Professores: profusão e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: DIOESC, 2014. p.140.

CUNHA JUNIOR, Henrique . **Tecnologia Africana na Formação Brasileira**. CEAP. 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2010.P. 16.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino.(Org) .**Um olhar além das fronteiras : educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 97.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Novos Estudos n.43. P.43. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4116181/mod_resource/content/0/A.%20S.%20Guimar%C3%A3es%20-%20Racismo%20e%20anti-racismo%20no%20Brasil.pdf>.
Acesso em: 15/11/2017.

KELLNER, Douglas. **Lendo Imagens Criticamente: Em direção a uma pedagogia pós moderna**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação.

MALAVOTA, Claudia Mortari; PIRES Fabiana. **A escravidão nas Áfricas**. Florianópolis, 2012. Mimeo.

MELATTI, Cláudia. GONÇALVES, Amanda Regina. Instrumentos para análise e escolha do Livro Didático de Geografia pelo professor: aspectos da formação cidadã. In: TONINI, Ivaine Maria...[et al],(Orgs). **O Livro Didático de Geografia e os Desafios da Docência para a Aprendizagem** . 2017. P.39-51.

MENDONÇA, Cláudio. LUCCI, Elian Alabi. BRANCO, Anselmo Lazaro. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado- Geografia Geral e do Brasil**. Ed. Saraiva. Volume Único. São Paulo: 2013. P.12-624.

OLIVEIRA JR. Wenceslao .; GIRARDI, Gisele. Apresentação. **Educação temática Digital**. Campinas, v.11, n.2, p.v, jan/jul. 2010.

PASSOS, Joana Célia dos. **As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos**. In: EJA em Debate. Florianópolis. Vol. 1, n.1.nov/2012. P.139-151.

PNLD. **História**. Disponível em <
<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=9921:pnld-2017-guia-historia>>. Acesso em: 13/11/2017.

QUIJANO, Aníbal. O que é essa tal raça? In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O Negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte. MG: GUTENBERG, 2007,p. 43.

RASCKE, Karla Leandro. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco (Orgs.). **Formação de Professores: profusão e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: DIOESC, 2014. P.13

SANTOS, Renato Emerson dos. **A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma agenda de pesquisa-ação**. Revista Tamoios. Ano VII. Nº 1, 2011. RJ. UERJ- Universidade Estadual do Rio de Janeiro. P.5

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. 2ª Ed. Editora Agir. Rio de Janeiro: 2008 P. 11.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. UFBA-Salvador-Bahia.2001. UDUFBA.P.16.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo, 2007. Afiliada.

TONINI, Ivaine Maria. **Notas Sobre Imagens para Ensinar Geografia**. Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v.3, n.6, p.177-191, jul./dez., 2013